

**NAVEGANDO PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS DA AMAZÔNIA:  
uma leitura do imaginário tupeba e da poética de Marta Cortezão**

Vânia Maria do S. ALVAREZ<sup>1</sup>

Recebido: 29/03/2021

Aprovado: 21/11/2021

**RESUMO**

O artigo aborda aspectos da Literatura Amazônica encampando a metáfora das viagens pelos rios, florestas e pelo imaginário amazônico. A pesquisa debruça-se sobre a leitura dos projetos culturais (com temática feminina) realizados pela divulgadora e poeta Marta Cortezão, por meio das “Tertúlias Poéticas Internacionais”, nos bate-papos e encontros virtuais promovidos pelo Mulherio das Letras da Espanha e pela página da escritora *Banzeiro Conexões*. A análise desse vasto material se amplia na leitura da poética de expressão amazônica identificada nas publicações *Banzeiro Manso* e no inédito livro de trovas *Amazonidades Poéticas – Cultura e Identidades*. Em *Banzeiro Manso* há os “Remansos Diversos”, os “Remansos Reversos”, o “Banzeiro Remansoso” e o “Remanso Tupeba”. Em *Amazonidades Poéticas* são apresentados ao leitor os capítulos “Desatracando o Barco”, “Deslizando Águas” e “Atracando no Porto”. Esse universo refere-se à poética tupeba, à simbologia das guerreiras Icamiabas, aos hábitos ribeirinhos, aos mitos e às lendas caboclas presentes nesses cenários, convidando o leitor a navegar pelo Norte do Brasil, tendo como referencial os estudos de Alvarez (2018, 2021), Castro (2014), Samuel (2018) e Carvalho (2014). Na ambiência dessas viagens e no processo de desterritorialização, o olhar moderno dos exilados presentifica-se na poética da amazonense Marta Cortezão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imaginário Tupeba. Literatura Amazônica. Poética Feminina. Projetos Litero-Culturais. Mulherio das Letras Sem Fronteiras.

**ABSTRACT<sup>2</sup>**

The article approaches aspects of Amazonian Literature, embracing the metaphor of travels through rivers, forests and the Amazonian imagination. The research focuses on the reading of cultural projects (female-themed) carried out by the popularizer and poet Marta Cortezão, through the “International Poetic Tertúlias”, in the chats and virtual meetings promoted by the Mulherio das Letras de Espanha and by the website by the writer Banzeiro Conexões. The analysis of this vast material expands on the reading of the Amazonian poetics of expression identified in the publications *Banzeiro Manso* and in the unprecedented book *Amazonidades Poéticas – Culture e Identities*. In *Banzeiro Manso* there are “Remansos Diversos”, “Remansos Reversos”, “Banzeiro Remansoso” and “Remanso Tupeba”. In *Amazonidades Poéticas*, the reader is presented with the chapters “Desatracando o Barco”, “Sliding Waters” and “Atracando no Porto”. This universe refers to Tupeba poetics, the symbology of the Icamiabas warriors, riverside habits, myths and caboclo legends present in these scenarios, inviting the reader to navigate the North of Brazil, having as reference the studies of Alvarez (2018, 2021), Castro (2014), Samuel (2018) and Carvalho (2014). In the ambience of these trips and in the process of deterritorialization, the modern look of the exiles becomes present in the poetics of Marta Cortezão, from the Amazon.

**KEYWORDS:** Tupeba Imaginary. Amazon Literature. Feminine Poetics. Litero-Cultural Projects. Women of Letters Without Borders

<sup>1</sup> Professora de Literatura Brasileira da Amazônia da FALE/UFPA. Mestre em Estudos Literários. Jornalista, poeta, ensaísta e ativista cultural. Publicou: *História e Memória em Aruanda e Banho de Cheiro*, *Deus sobre todas as coisas*, *Escre(vi)ências & Afetos*, *A Literatura Amazônica e a Cultura Regional, para além das salas de aula*, *Romanceiro da Floresta & das Águas*, *Ensaio: 30 Fotos de Elzinha x 30 Letras Minhas*, entre outras publicações. Contatos: vmsalvarez58@hotmail.com ou alvarez@ufpa.br.

<sup>2</sup> Tradução livre. A autora enviou o artigo sem o resumo em língua estrangeira e por motivo de força maior não pode fazê-lo.

## INTRODUÇÃO

A canoa vai cortando manso  
as águas turvas do remanso.  
A saudade vai remando na proa,  
comandando o rumo da canoa.  
("Saudoso Fado", CORTEZÃO, 2018, p.116)

A Literatura Amazônica ou de Expressão Amazônica lembra a metáfora das viagens, talvez porque a história da ocidentalização da Região Norte, como a do restante do país e do continente sul-americano, esteja ancorada nas viagens da era dos descobrimentos e das catequeses, fatos e histórias que nos chegaram pelos mares e oceanos. As viagens portam marcas históricas de um passado colonial, processos de dominação ditos civilizatórios que apontam as muitas interferências externas que impõem à região um embate constante entre a visão moderna e a colonialista. Nessas viagens e nesses deslocamentos ocorrem fatos singulares da cultura local, da subalternização do *outro* e também de resistência. Viajar para sobreviver, para garantir a subsistência, para ter acesso aos serviços públicos como a escola, o posto de saúde, o cartório, a delegacia – que parecem muito distantes do ribeirão que se acostumou com o céu, a água e a floresta. Sair de seu lugar em busca de algo melhor, que lhe complete ou que se ofereça como um alento diante da vastidão e do isolamento. E os sonhos persistem na memória, no dormir e no despertar, nos muitos deslocamentos que o amazônida é obrigado a fazer. Enchentes e inundações rompem esses silêncios.

Há, na Região Norte, o ir e vir por meio das estradas que andam<sup>3</sup>, os rios, furos e igarapés que aparentemente poderiam limitar o caboclo, porém esse movimento lança-o em desafios diários, como pescar, remar, lançar, sempre com as viagens mediando o imaginário social desse ribeirão. O amazônida sai de sua terra, mas esteja onde estiver estará corroído pela saudade; suas lembranças alimentarão seus sonhos de voltar, de se encontrar com/em um lugar imaginoso, vislumbrar as coisas que já se passaram e que não voltam mais.

Esses aspectos se fazem presentes em conhecidíssimos escritores amazônicos, tais como Márcio Souza, Dalcídio Jurandir, Benedicto Monteiro e Milton Hatoum. Há outros escritores que se identificam com a gente do norte, mesmo que se lancem do isolamento à transnacionalidade, tomam para si o desafio de serem cidadãos do mundo. Todavia, as narrativas orais, os mitos, as lendas, os hábitos e os costumes amazônicos acompanham esses escritores: um pedaço deles fica na Amazônia e uma parte da região segue com eles, em suas andanças. A metáfora da viagem também ocorre com

---

<sup>3</sup> O poeta Ruy Paranatinga Barata escreveu os versos "*Esse rio é minha rua/minha e tua mururé/ piso no peito da lua/deito no chão da maré/ pois é, pois é/ eu não sou de igarapé/ quem montou na cobra grande/ não se escanCHA em puraquê/*", que se tornaram conhecidíssimos no Brasil pela interpretação de Fafá de Belém, e que se referem a esse mundo de água e ao desafio a ser vencido pelo ribeirão, ao enfrentar os rios e enchentes em seu dia a dia.

os que chegam à Amazônia e por ela se sentem encantados e, como dizemos nas terras do norte - “mundiados”<sup>4</sup>, assim como se dá com a cobra grande e a uiara que “hipnotiza suas presas”. Joel Cardoso, ensaísta e pesquisador de Literatura e Artes, no prefácio do livro *A Literatura Amazônica e a cultura regional, para além das salas de aula*, de Alvarez (2021), assinala que

a Amazônia é um contexto que, em aqui chegando, nos influencia, nos contagia, nos modifica, nos estrutura, nos forma. Diante de nosso olhar embevecido, os cenários se descortinam imensos: rios profundos e caudalosos; matas indevassáveis; vilarejos ribeirinhos entranhados na floresta; centros urbanos que se opõem à simplicidade rústica das margens; culturas, hábitos, falares, específicos de sobrevivência de seus moradores. É preciso se deixar reeducar para que, com novos olhares, aprendamos a ver, a sentir e apreender esse universo. Estar na Amazônia é vivenciar um Brasil diferente, específico, profundo em seus mistérios e incontestavelmente mágico. Com suas especificidades, a Amazônia representa um contexto múltiplo, abrangente e universal e, ao mesmo tempo, muitíssimo específico e particular. Imensa, desconhecida, com sua cultura diversificada, com seu rico imaginário, com suas crenças particulares, com seus personagens, com seus falares característicos, a Amazônia continua paradoxalmente próxima e distante (CARDOSO, 2021, p. 16).

São nessas viagens para ler e estudar essas poéticas locais, que se localizam muito além das fronteiras regionais (pois se lançam ao global), algumas problemáticas revelam-se: o escritor nascido na Amazônia tem dificuldades para publicar suas obras, mais ainda porque a fala amazônica duela contra a sua própria invisibilidade, embate-se contra as marcas de um colonialismo que ainda está entranhado nas mentalidades e contra os estereótipos de ser um lugar considerado “exótico ou selvagem”, mas mergulhado em muitos encantos, mitos e lendas. Há outros entraves: a ausência de obras referenciais que revelem o que é a Literatura da Amazônia; como entender que a grandeza da Amazônia, não é apenas territorial, mas também imensa em sua produção literária e cultural. E que há muitos escritores nos rincões amazônicos que falam de sua terra, de sua gente, de seus costumes, como forma de marcar territorialidades e identidades, porque a Amazônia é também plural.

As viagens descortinam discursos amazônicos, em que se cruzam vozes do exílio que advêm da Espanha e do Brasil. São vozes poéticas que se entrecruzam a outras vozes poéticas. Poeta ‘exilada’ em Segóvia, mas impregnada pelo universo mítico e plural amazônico, a escritora Marta Cortezão tem se destacado pelos projetos culturais que desenvolve através das *Tertúlias Poéticas Internacionais*, que agrega mulheres poetas de todo o mundo. Trata-se de um trabalho divulgado no *Mulherio das Letras da Espanha* e na página da escritora *Banzeiro Conexões*. Porém, Marta também é poeta e se revela em *Banzeiro*<sup>5</sup> Manso e do ainda inédito livro de trovas *Amazonidades Poéticas*.

<sup>4</sup> Mundiado = magnetizar, assombrar. Poder que o povo amazônida crê, possuem as cobras e as uiaras, de entorpecer o ânimo, abolir a vontade, aniquilar o instinto de proteção e de conservação. Vem do tupi *mundiá*, do guarani *mondyi*, significando tremer, espantar, causar medo. (MIRANDA, 1968, p.59)

<sup>5</sup> Banzeiro: agitação das águas de um rio ou igarapé, na forma de ondas suaves ou violentas. (OLIVEIRA, 2001, p. 23)

Há, ainda, o trajeto que empreende nas trovas e marcam caminhos de uma intensa redescoberta de sua terra, movida pela separação, pelo olhar do exilado e pela imensa saudade.

São as lembranças  
mais simples e cotidianas  
que dão à palavra saudade  
um significado que transcende a matéria  
se apropria da alma,  
confunde e domina a razão.  
embriaga o coração num sentimento profundo,  
pleno de inesquecíveis recordações  
colorindo, harmoniosamente, a vida  
e nos reservando, ao mesmo tempo  
inúmeras surpresas. (“Saudade”, CORTEZÃO, 2018, p. 54)

## DA AUTORIA FEMININA SINGULAR

Sou do norte, terra de caboclo forte,  
que toma açaí, come piracuí,  
bodó assado e jaraqui,  
pirarucu<sup>6</sup> com chibé<sup>7</sup>,  
tucumã com café.  
que faz paneiro<sup>8</sup> com cipó de ambé  
planta roça, faz farinha  
pra comer com pupeca de sardinha,  
enquanto a criança corre e salta,  
coleccionando coloridas joaninhas.  
(*Essência*, CORTEZÃO, 2018, p. 96)

A poética de Marta Cortezão fala de amores – de assumir-se mulher, doce e terna, mas incisiva, que se revela poeta e tocada pelo visível silenciamento, que o cânone impõe às poetisas na literatura brasileira. Marta volta-se para os amores nascidos “nas águas meninas”, paixões que remetem às ancestralidades dos povos indígenas, caboclos, ribeirinhos, mestiços, ancestralidade feminina das icamiabas. E o universo das frutas, das águas e da floresta emerge “fervilhando em sentimentos” femininos, revelando os hábitos vividos pela menina de Tefé, no Amazonas, mas pontuando a poética madura da mulher projetada do local ao global.

Levando dentro  
o amor e o orgulho  
de ser amazônida.  
Força que move

<sup>6</sup> Pirarucu: é o arapaima gigas, grande peixe de escamas da Bacia Amazônica, que mede dois ou mais metros de comprimento, sendo por isso considerado o maior peixe de água doce do Brasil. (OLIVEIRA, 2001, p.136)

<sup>7</sup> Chibé. Farinha d’água mui diluída em água. *Che*=mim, *y*= água, *bé*=para, segundo Barbosa Rodrigues. Vem de cheribé, o caldo, ou o meu caldo, (MIRANDA, 1968, p.22-23)

<sup>8</sup> Paneiro: cesto de talas de palmeira, com ou sem asas, muito utilizado na Amazônia para o transporte de frutas, legumes etc. Há paneiros de vários tamanhos, sendo que os menores são usados como vasos para o plantio de mudas de pequeno e médio porte. (OLIVEIRA, 2001, p.44)



o coração desta  
Mulher que  
por isso, se sente  
Imensa!  
("Encontro",  
CORTEZÃO, 2018, p.113)

Os versos revelam o amor pela educação literária, pela mediação de leituras e pela defesa da literatura e da cultura que move Marta Cortezão. Generosa com os amigos e preocupada com a literatura e a cultura, a escritora é "mulher dos mil instrumentos" quando o assunto é letramento, por meio da literatura e da cultura. Participa de inúmeros eventos que divulgam a literatura, a produção cultural e a poesia feminina. Entre eles, destacam-se "O vem com a gente", em parceria com o *Blog Tabacaria*, um bate-papo com Sidnei Manoel Ferreira, sobre o tema *Essas Mulheres*, realizado em 09/11/2020. Criou o *Movimento Mulherio das Letras da Espanha* e é a articuladora do *Mulherio das Letras União Europeia*, contando com *Mulheres de Letras* de Portugal, Suíça, Bélgica, Espanha, Alemanha, Áustria e Itália. Idealizou o bate-papo literário com vários escritores, inclusive com Simon Oliveira (autor de *O Trem das Almas*); o bate-papo com a pesquisadora da "causa indígena" Carina Oliveira. Já conversou com Nathan Sousa, Prêmio UBE e finalista do Prêmio Jabuti (2015).

Participou d'*O pensar da literatura brasileira feminina pelo mundo*, em parceria com o *Mulherio das Letras União Europa*, evento realizado em 11/11/2020. Engajou-se em vários grupos internacionais para apoiar uma "amiga escritora", iniciativa do *Mulherio das Letras União Europa*, que assiste com a compra de livros, likes, compartilhamentos, financiamentos coletivos, indicações, recomendações, comentários e outras participações com o objetivo de divulgar o trabalho literário de mulheres brasileiras pelo mundo. Participou do evento *Protagonismo negro no Amazonas*, evento organizado pelo PPGICH/UEA/TEFÉ), em 27/11/2020. Fez parte do *Ciclo de Encontros Marias na Literatura*, do Grupo África e Africanidades, em 28/11/2020. Incentivou e criou por meio do *Mulherio das Letras Espanha*, a realização do *Estou a fim de Poesia* e *A Poética que abraça*, com escritoras como Cida Ajala (SP), em 25/11/2020. Esteve no I Encontro Regional do *Mulherio Nísia Floresta*, uma roda de diálogo do *Mulherio das Letras sem Fronteiras* e no *Mulherio das Letras dos EUA*, de Cuiabá (em 28/11/2020). Criou as *Tertúlias Virtuais*, despertando a admiração de muitos.

A poeta se apresenta e explica:

Sou Marta Cortezão, nasci em Tefé, no Amazonas/ BR, mas vivo em Segovia/Espanha há alguns anos. Tenho realizado várias "loucuras poéticas", com a ajuda de muitos amigos e amigas da Literatura e das Artes como um todo; o Tertúlia é um desses momentos de loucura que venho vivenciando através da partilha poética. O projeto tem como peculiaridade criar elos poéticos e destacar engenho e arte de mulheres de vários lugares desse mundo, proporcionando, por meio de um delicioso

banquete de leitura de poemas e poesias, o prazer da troca poética (CORTEZÃO, 27/09/2020).

As *Tertúlias* são movidas pela paixão. Elas revelam escritoras e poetas brasileiras. Eis o compromisso da escritora amazonense com a fala feminina que já aparecia em sua poética desde *Banzeiro Manso*, como a voz que falava em nome das guerreiras icamiabas.

Lá se vão as grandes heroínas  
vestidas de aparente resignação.  
mas são o sustentáculo da família  
na honrada e dura lida pelo pão.

São fortes e atrevidas essas  
Marias,

Marias que tecem o fio do destino.  
Em meio ao rebojo das calmarias,  
o suor rola pelo rosto destemido.

(“Tenras lições”, CORTEZÃO, 2018,  
p.115)

Devido ao sucesso das *Tertúlias*, Cortezão passou a escrever uma coluna na Revista *Ser MulherArte*, na qual produz textos que ressaltam a importância desses encontros. Na crônica de crítica literária publicada em 27/11/2020, revela algumas de suas preocupações, que movem o seu maravilhoso trabalho de divulgação da produção de mulheres:

[...] qual é o lugar da mulher na atual sociedade? Como estamos construindo este conceito historicamente e culturalmente? Por que é importante discutir acerca do gênero? Por que dizer-se feminista provoca tantos desafetos? Sempre é tempo de despir-nos das velhas amarras da ignorância e buscar entender o real significado do Feminismo que, em poucas palavras, nada mais é que um movimento social, não sexista, liderado por mulheres e que reivindica equanimidade jurídica, política e social entre homens e mulheres. Se nos debruçarmos a estudar o Feminismo, encontraremos inúmeras histórias de lutas de grandes mulheres inspiradoras que nos abriram passo para exercer o nosso grito de liberdade. Já não há como tapar os ouvidos a estas vozes que ecoam cada vez mais alto e, harmoniosamente, alavancadas pelas múltiplas inquietudes que nos movem no mundo (CORTEZÃO, 11/2020).

A escritora amazonense afirma que nas *Tertúlias* as discussões são saudáveis e poéticas e têm reunido mulheres do Brasil e do mundo e suas poéticas são discutidas ou publicadas no *Mulherio Sem Fronteiras*. Cortezão refere-se à transgressão, ao terreno de possibilidades que o mergulhar no texto poético feminino proporciona.

Autoras que fazem da linguagem poética o território simbólico de combate e de transgressão literária, “um lugar que não é o espaço natural, mas o espaço-tempo habitado pelo sujeito poético” (BOSI, 2003, p. 285), terreno das possibilidades. É importante ressaltar que, na criação do texto poético, o fazer literário se origina no mergulho interior de “uma dialética da lembrança pura e memória social; de fantasia criadora e visão ideológica da História; de percepção singular das coisas e cadências estilísticas herdadas no trato com pessoas e livros.” (BOSI, 2003, p. 278). Não se trata apenas do que o sujeito poético observa/filtra no/do seu exterior, mas do diálogo que trava com sua bagagem interior e o mundo lá fora. Vargas Llosa também se une a este pensamento quando afirma que “o que se viveu é a fonte que irriga a ficção” (LLOSA *apud* SENA, 2020, p. 61). (CORTEZÃO, 11/2020).

Ao falar da poética de suas convidadas, Cortezão se refere à inquietude, à afetividade, ao erotismo poético, temas ainda transgressores para o universo da mulher diante de uma história das mulheres, escritas por homens, uma das marcas opressoras da sociedade patriarcal. O discurso feminino é de empoderamento. Diversos tabus são questionados. Preconceitos e representações são desmistificados. Essa é uma das marcas de Cortezão que afina o pensar das *Tertúlias* com o pensamento de Simone de Beauvoir e o poema “Dona de mim”, escrito nas lonjuras do tempo, conforme assinala a poeta: “É a escrita tábua de salvação, resistência e transgressão, é também linguagem simbólica que liberta corpo e mente da violência do silenciamento, dos flagelos da invisibilidade social e - por que não? - da cruel sina de apêndice do homem?”

A escolha foi minha  
abraçei a loucura  
sem preocupações futuras  
Sou Eva, amiga da sábia serpente  
que me ensinou o pecado  
e as rudezas de um mundo doente  
sou mulher livre  
para amar a loucura  
sou mulher louca

Para alçar voo sem limites  
Sou mulher vida  
Para viajar aventuras  
Sou despenhadeiro  
Para aventurar-me aladamente  
Sou dona de mim  
Para fazer diabruras  
 (“Dona de mim”, CORTEZÃO,  
2018, p.72)

As *Tertúlias Poéticas Internacionais* inicialmente surgiram como *lives* em um período de isolamento, como possibilidades de aproximação, de se fazer amigos, de mobilizar o mundo para a importância do letramento literário e divulgar a obra de mulheres consagradas ou não, e passam a ter um fundo social e de educação literária inclusiva.

Esta voz feminina na poesia que, assumindo-se sujeito pelo poder da palavra, (re)inventa sua (re) existência quando diz sobre os outros e as outras presentes no ambiente a sua volta e/ou ainda em espaços, cujos olhares e cujas vozes esgueiram-se por alcançar. Além de escancarar seu mundo interior, esses corações poetas sangram aquele grito que reverbera com ousadia e ainda revela as tantas vozes silenciosas e silenciadas pelas concepções ideológicas estruturais que teimam em definir um lugar próprio da mulher na sociedade. São estas vozes, são estes olhares, oriundos das margens do não-lugar, que se dirigem à trilha do “para além do não-silenciamento”, decididos a tomar as rédeas do discurso poético e (re)ocupar os lugares que os padrões tradicionais de poder, dia a dia, lhes vêm negando. São estas vozes e estes olhares, no feminino, que (re)contam o contexto histórico-social vivido e que através da palavra se (re)vestem de humanidade para externar aquilo que é humano e que humaniza. É deste viés marginal que a poesia também se alimenta como gênero poético, inspirando denúncia e liberdade, dois tênues fios que pendem dos corações poetas, através das singulares vozes e subjetivos olhares, com o intuito de descortinar invisibilidades. Quando estas autoras falam de si mesmas, estão também ressignificando-se e comungando do ato poético de existir pela palavra (CORTEZÃO, 06/12/ 2020).

## DA POÉTICA COM JEITO TUPEBA

Eu que já viajei tantas águas,  
que conheço os segredos

do rio profundo, o canto da Iara,<sup>9</sup>  
os mistérios e encantamentos  
do Boto<sup>10</sup> sedutor e da Boitatá,  
a cordialidade do Tucuxi,  
o arrepio do canto da mata...  
Sou incapaz de conhecer  
teu dissimulado riso  
de louca Mona Lisa!  
("Rito", CORTEZÃO, 2018, p.121)

Para falarmos de Literatura Amazônica é necessário, ainda que minimamente, compreendermos a Amazônia. Existe uma cultura e uma literatura próprias da nossa região. Essa discussão transita pela ancestral relação entre o local e o universal. Quanto à temática da *Literatura Amazônica*, Romário Aires refere-se à necessidade de promover o diálogo do local com o global e assinala: "percebemos que não é de hoje que os embates entre o local e o universal se suscitam no campo literário. Na ânsia de resguardar sua identidade, os povos exaltam suas singularidades, a fim de serem considerados, na pluralidade de suas culturas, em contraponto a outras manifestações culturais (AIRES, 2015, p.130).

Urge olhar para uma Literatura originária desses rincões, com a voz dos nossos narradores e poetas; uma Literatura da Amazônia: que seja referência para os de fora, mas que seja referência também para os de dentro. Sem dúvida uma Literatura da Amazônia ou de Expressão Amazônica que venha problematizar a não restrição do olhar no local, no particular, e, sim, tomar — o local e o universal, aproximando a literatura (a cultura) regional e a do mundo, questionando os processos colonizatórios e os midiáticos que professam ideologias de homogeneização, particularidades mais por questões político-ideológicas do que estéticas, que a todo custo tentam oprimir e calar, os amazônidas.

Há um lado da literatura que fala de problemas universais, mas também dos rios, da floresta, da gente amazônica, suas belezas, costumes, hábitos e de seus conflitos. Há uma Amazônia, cujos temas perpassam pela destruição da cultura ancestral, pelos desastrosos projetos de devastação que prometeram trazer o progresso e por temáticas que identificam escritores engajados nessas lutas. Entretanto, há outras questões que devem ser suscitadas.

A poética de Marta Cortezão apresenta uma ligação profunda com esses caracteres e com o município de Tefé, no Amazonas, região habitada antes da colonização pelas tribos Tupebas ou

---

<sup>9</sup> Iara: formosa mulher de voz encantadora, cativante, que vive nos rios e lagos. Está presente na religião indígena com a 'senhora' que é a uíara. (MIRANDA, 1969, p.42)

<sup>10</sup> Boto: ente mitológico que costuma aparecer como um rapaz bonito, usando bengala e chapéu para seduzir as moças. (OLIVEIRA, 2001, p. 63)



Tapibas. O traço marcante da cultura Tupeba é a valorização dos costumes ameríndios e da cultura cabocla local. A produção de farinha de mandioca e a pesca do tambaqui e do pirarucu estão entre as atividades econômicas principais.

Para Rogel Samuel, autor do prefácio de *Banzeiro Manso*, é a própria poeta quem define o “Jeito tupeba de ser”, ou seja, um ar lisonjeiro, um sorriso faceiro, o discurso de poesia forte e feliz, amazônica, a fala de cunhantã, a voz das icamiabas, dos curumins e dos mistérios e segredos do muiraquitã. Essa poética é a representação da doçura da alma cabocla e tudo que ela tem:

Mirada impactante que marca aquela poesia o puro jeito Tupeba de discurso, poesia feliz, forte e feliz, bem amazônica e lisonjeira, de curumim, de cunhantã, de segredos de muiraquitã, de belas guerreiras Amazonas, de doçura de alma cabocla, alma de um moreno cobreado, olhos negros puxados, dicção e vocabulário particular, aspectos enigmáticos, corriqueiros, gosto de delicioso açaí com tapioca na cuia, banho de rio, de ficar de bubuia, sim, essa poesia tira tudo da cumbuca da vida, de butuca pelas ruas e calçadas da cidade, e come bodó na brasa, às seis da tarde, regado ao molho de pimenta murupi, com muita farinha-ova do Uarini. (...) Com raras exceções, na sua dicção ribeirinha, essa poesia é única na literatura amazônica, ou seja, uma das poucas verdadeiramente amazônicas (SAMUEL, 2018, p. 11).

A compreensão de que a poética de Marta Cortezão refere-se a um mundo caboclo está fundada em Fábio Castro (2013) ao definir que o caboclo pode ser o que vem da floresta, mas é também “o filho do homem branco”, porém trata-se de uma forma de representar, modernamente, o que significa ser o homem amazônico. O caboclo é o resultado do campesinato amazônico pós-indígena, que revelou um tipo humano em busca constante de definir a sua própria identidade. O lugar social do caboclo o coloca em uma longa tradição segregatória, de luta pela sobrevivência, na tentativa de participação ativa na produção regional, deslocado da maioria dos projetos desenvolvimentistas, sendo obrigado a viver entre a ideologia de uma vida de encantos e a de grandes dificuldades. A poeta anota em suas *Caboquices* que há coisas boas: a gostosa culinária, a farinha, o vinho de açaí, a rede para se embalar e dar cochilos certos. Mas também em *Monólogo do Tapiri* há o duro trabalho da roça; o perigo da malária; as embarcações que exigem grande força de trabalho; o atravessador que quer comprar a produção do caboclo por preços baixos, e aumentar os preços do “açúcar, café, arroz, feijão”; a vida sofrida; a falta de escolas para as crianças ribeirinhas e o círculo vicioso de terem suas vidas mantidas “pelo cabo da enxada”. Há também a falta de energia elétrica, a água que vem da cacimba para o pote; para o ribeirinho é da fraqueza que nasce a força.

O imaginário amazônico está presente, por exemplo, no poema “Dos medos”: medo de visagem, medo de ser levada pelo Curupira, o Boto namorado, a Matinta que vem atrás de tabaco, o canto noturno do Bacurau, o canto agourento do Acauã, o berro do Mapinguari, o sapo Cururu Tei-Tei, o despertar da Cobra Grande, a Mãe-d’Água e a Mãe do Corpo. No poema “Súplica a Iara” há o

pedido para morar no reino encantado das águas, onde não haverá pranto, mágoa, lamentos, dores, dificuldades, sendo o caminho para a redenção e para a ressignificação da vida e uma forma para “fugir deste mundo doente”.

A representação da língua do caboclo está presente no poema “Festejo”: os ‘zóio’ são duas ‘porongas<sup>11</sup>’; ‘o jirau’ que substitui a pia; ‘o peguemo a rabeta’; ‘a boniteza da cunhã’; ‘o tremelique nas canela’; e outras expressões desse universo – ‘marchemos zimpado’, ‘apalpar aquela cintura’; ‘o cheiro no cangote’; ‘ela, arisca’, se afastou num ‘pinote’; o jeito ‘vexado’; a risada ‘azeda que nem bacuri’; e a metáfora social cabocla: a desfeita dói igual dor de dente. No poema “Farinhada”, a poeta descreve o passo a passo para se produzir a farinha de mandioca e os seus derivados: o tucupi, a goma branquinha, a tapiquinha, o beiju de goma. E nesse poema surgem os apetrechos do trabalho do caboclo: o tipiti, a gangorra para espremer a massa, a peneira, a gamela, o remo ou *tarubá*, além de outros hábitos que seguem aquele ritual: o banho na cacimba, a pesca do *jaraqui* e a curuminzada sentada no chão do *tapiri*. A voz cabocla também esta aderida à natureza que se antropomorfiza, em uma abordagem telúrica, como nos poemas “A um taperebazeiro” e em “Remanso”. Destaque a criação do verbo ‘taperebar’, referente às lembranças e as brincadeiras de criança que viveu nesse ambiente amazônico. A linguagem cabocla está bem representada no hábito de contar ‘causos’ e histórias como no poema “Desculpa esfarrapada”.

Em todo esse universo poético, há resquícios autobiográficos reveladores dos motivos do exílio e da ida para outro país. No poema “Escolhas”, a autora revela a opção pela felicidade, enfrentando os medos; o deixar para trás os fardos; as perseguições por inveja; porém, o coração de exilada parece entrecortado pelos *espinhos da saudade*; embora o sacrifício de exilar-se seja necessário para inaugurar outra fase da vida. E novamente se repete a metáfora da viagem, como no poema “Rito”: “Eu que já viajei tantas águas,/que conheço tantos segredos”. Na temática do amor, o toque autobiográfico se revela como no poema “Dos amores”: amor que se “pesca na cacimba”, ou que tenha o cheiro do amor escondido, em “um tempo curumim”.

Na poética de dicção cabocla de Cortezão há aproximações entre o cânone ocidental em suas formulações estéticas, sociais, culturais e essas influências dialogam com a ambiência amazônica. No poema “Exército Tupeba” há a menção ao deus Hélios, que “desperta sua dourada baía de espelhos”. No poema “Baía Tupé”, o eu-lirico realiza o encontro entre Hélios e Diana, nos amores que desaguam no rio Negro. A presença da literatura grega, em seu processo de construção *poiética* intertextual está

---

<sup>11</sup> **Poronga**: espécie de lamparina que os seringueiros ou os pescadores usam na cabeça para percorrer as estradas da seringa na floresta amazônica, ou para ‘lançar’ no escuro.. Feita a partir de latas de óleo, o seu combustível mais frequente é o querosene, e apresenta uma aba que impede que ela apague com o vento. (MIRANDA, 1968, p.71)

em “Olimpo da saudade”, e de cada deus haverá a adaptação ou a transformação nessa ambiência amazônica: “a saudade tem os pés alados de Hermes”; “é sábia como Minerva”. Em todos os deuses do Olimpo há uma perfeita correspondência transformadora: o cânone ocidental universal dialoga perfeitamente com o local.

Outra característica que identifica sua poética como Literatura da Amazônia, em toda a peculiaridade, refere-se ao lançar-se do isolamento amazônico à vastidão territorial, tendo a saudade como fator que reconstitui a visão do degredado. No poema “Alada Saudade”, se os olhos se fecham haverá um encontro com “a encantada terra Tupeba”. Essa brasilidade amazônica repete-se em “Sangue Tapiba”, no qual a poeta fala de sua aldeia como referência poética para o seu processo de criação. A poética de Cortezão se nutre do imaginário amazônico para projetar-se para “fora” do isolamento das cidades ribeirinhas. Vai do local ao global. No poema “Rebojo”, a intenção é reinventar elementos do “banzeirando saudade”, aliando-as às referências do “Velho Mundo”.

No poema “Voltas”, o laborar poético reflete processos de aculturação e de hibridização, presente na poética de Cortezão: “a índia morena /que é belo anjo”, a natureza como religião, a presença da “cruz”, que serve para curar o desalento. Essa “Cabocla” de “tez Tupé”, se mantém viva e miscigenado como forma de resistência. Assim, a poética viaja entre a Amazônia mítica e a Amazônia real, e esses “entremeios” ou “entre-lugares” servem para “curar a dor” do degredado, do exilado, “libertando do medo e do funesto cansaço”.

Esse canto do exilado bebe nas fontes do romantismo nacional e se projeta em um modernismo paródico, aproximando o poema “Canção Tupeba” da “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias. Esse exercício moderno de parodiar e reinventar outras ‘falas e discursos’ demonstra que a poética de Cortezão transita entre a tradição e a modernidade, mostrando a perfeita aproximação da poética amazônica com a tradição ocidental: “Minha terra, de palmeira, tem o zau:/ piassaba, jarina, bacaba, buriti, patuá,/ pupunha, babaçu, tucumã, açaí e o escambau/ Ach’ é pouco lugar pra sabiá cantar por lá/,” porém sem deixar de ser a afirmação de uma escrita pós-colonial.

Nesse universo poético há uma identidade cabocla em permanente movimento de construção e de desconstrução: a dor do degredado reconstrói cenários, cenas da infância, hábitos cotidianos como as conversas na calçada, o café com pão quentinho, “as matronas com sua peculiar sabedoria”, as conversas nas portas, as histórias de encantamento e todo um imaginário caboclo que contrasta com “a vida na velha aldeia”, no poema “Noites Ega”, com o cenário do “Velho Mundo”. Brincadeiras de infância retornam como uma forma de reconstituir esse passado que não volta mais, assim como ocorre no poema “Manso Amor”.

Assim se inventa a arte da amazonense, conforme assinala Rogel Samuel: “a arte poética de Marta Cortezão, arte viva vinda do *tapiri*, com muita cultura”; (...) uma “poética da vida ribeirinha e do amor, do cântico *cabôco* que são duas *porongas* alumando o escuro desse mundão” (SAMUEL, 2018, p. 12).

## DAS TROVAS AMAZÔNICAS

Com a vara de trovar  
descaniçou caboquices  
nas águas de rebojar  
caprichos e gaiatices..  
(CORTEZÃO, 2021, p.54)

É possível ler em um antigo livro de trovas que desde os índios Tupinambás já se prezavam os grandes músicos que, ao seu modo, cantavam quadrinhas populares e muitos ouvintes guardavam na memória. Os músicos faziam motes de improviso e suas voltas acabavam na consoante do fim do mote. Entre os indígenas, os músicos e os trovadores eram muito estimados, e por onde quer que passassem eram bem recebidos, alimentados e agasalhados, e muitos atravessaram até mesmo o território de tribos contrárias, sem que seus ‘inimigos’ lhes fizessem qualquer mal. Essas anotações são do colonizador Gabriel Soares de Sousa, no *Tratado Descritivo do Brasil*, Cap. X, de 1587.

As trovas portuguesas divergem das brasileiras: no país anotaram-se as contribuições dos aborígenes e dos africanos e em Portugal as origens estão em corações femininos saudosos e desejosos da volta dos amados que seguiram para o ‘fossado’ ou para as aventuras de Além-Mar, sob a proteção dos Reis de Leão, Castela, Portugal e dos Impérios marítimos. Dessa "saudade dolorida" surgiram trovas que falam do mar e da partida do amado que tarda. O Trovadorismo está na base do primeiro movimento relevante da música e da poesia, que surgiu na Península Ibérica e que era acompanhada por instrumentos musicais.

Há uma grande diferença nessa poesia popular feita no Brasil, cujo tema principal é o amor, e toda a sua verve em sua amplitude de visões: amor paixão, amor pela natureza, amor pelo povo, amor pela cultura local, amor pelos costumes, amor pela poesia popular – e todas as demais formas de amor que o crítico literário Afrânio Peixoto (1919) assinalou no início do século XX, em sua publicação sobre trovas brasileiras.

O tema da poesia popular, aqui e alhures, é o único deveras interessante da vida — é o amor. Pelo menos o dominante. O que sobra é caso fortuito — ironia de acaso, troca de chistes, lástima de infelizes, avisos de experiência - que servem apenas de entremeio. O amor dá para tudo, porque as cambiantes de alma ou de coração são infinitas da mesma paixão, que nunca foi ou será igual a si mesma, desde que há viventes que a sofrem e por ela conhecem o inferno, e por ela atingem também o único céu que nos é dado conhecer neste mundo. Poder-se-ia compor uma enciclopédia amorosa apenas com as trovas populares, antologia de divina



inspiração, pela franqueza do sentimento, pela simplicidade de expressão, a deixar longe e descoloridos os nossos poemas mais celebrados (PEIXOTO, 1919, p. 27).

Segundo Peixoto (1919), as trovas por ele coletadas eram todas anônimas e estavam guardadas no imaginário popular e na memória de muitos. A base dessas trovas era o dito popular: “quem canta, seus males espanta”. Em seguida, o pesquisador cataloga as trovas a partir de seus temas: falar de seu próprio canto, o chiste e os gracejos, o caráter do povo, os costumes, além da sabedoria popular para as mais diversas situações do cotidiano.

Afonso Piliackas Junior (2004) assinala que o trovador articula verbalmente nas trovas suas rimas e o desfecho dos seus versos também se realiza no ato da fala. Antes esses trovadores passam por um processo de aprendizagem, memorizando versos, ditos populares, rimas chegadas pela tradição oral, até que surjam as trovas ou quadrinhas. Nesse jogo de criação, existem "regras" que o trovador deve obedecer. (PILIACKAS JR, 2004, p.12). Uma quadra rimada deve ter esquema métrico fixo ABAB, com sete sílabas poéticas, o que demonstra não ser tão fácil executar com maestria a arte de trovar.

Existe na Amazônia uma forte tradição de trovar que se transmuda e se revela nos cordelistas, que vindos do nordeste na época do *boom* da borracha, em cidades ribeirinhas se aclimatam e fizeram história. O professor, poeta e escritor paraense Antonio Juraci Siqueira ressalta que algumas trovas apareceram na Ilha de Marajó, na forma de Literatura de Cordel e nos folhetos rústicos que chegavam à cidade de Cajari, no município de Afuá, e com esses folhetos, ele aprendeu a ler e se tornou poeta e contador de histórias. Assim, as trovas e o cordel têm sido utilizados para alfabetizar, para mediar leituras e para despertar o gosto de ler e de declamar em muitos curumins e cunhantãs da Amazônia. Juraci define o significado da trova e sua importância na Literatura da Amazônia: poesia popular, a voz bem humorada do povo, a cadência musical poética que lembra diversão e as coisas simples da vida e de nossa gente. (ALVAREZ, 2018, p.233). Porém, esse é um perfil dos escritores amazônicos que ainda precisa ser estudado e explorado pela crítica literária sobre a Literatura Brasileira da Amazônia. Nesse sentido, a viagem pelos encantos do que Marta Cortezão tem produzido, reserva um capítulo especial para o universo das trovas, do qual emergem significados, incluindo o deslocamento em duplo pertencimento e a complexidade de múltiplas identidades:

A cultura passa a funcionar como mediadora na construção da identidade de um indivíduo, representando uma teia de significados que acaba se amarrando ao falante para que ele consiga produzir sentidos e se significar como sujeito na sociedade em que vive, assim adquirindo a linguagem, a educação, os valores, as normas e as representações simbólicas. [...] Já o indivíduo em deslocamento tem duplo pertencimento, identidades múltiplas em embate constante, aquela que influencia e aquela que é influenciada pela cultura do país que o acolhe, traduzindo toda a complexidade da relação local-global. É o caso de Marta

Cortezão, em que seu exílio se faz íntimo e instável na representação negociada a cada dia, dentro desse mundo de trânsitos contínuos e de seres em deslocamentos infinitos. Marta leva seu canto amazônico como parte da alma e de seu estado de espírito. Seus pés tocam o chão, mas suas mãos fazem escorrer pelos dedos versos escritos em redondilha maior, na tentativa de trazer a localidade de origem ao seu universo europeu. É o que alimenta sua identidade em deslocamento, essa voz interiorana que se faz maior, que sai das entranhas com a força de uma reinvenção de si mesma, buscando em suas origens parte da pessoa que ela é. (GODINHO, 2021, p.5 e 6)

Pertencendo à literatura oral e ao folclore, as trovas escritas por Cortezão vêm completar as influências portuguesas e populares de sua poética. Suas trovas, recheadas da sabença popular, revelam a marca do pensar coletivo do amazônida, que não dispensa uma boa pilhéria, e que se revela intangível em sua simplicidade cabocla.

Celebração do Divino  
tem derrubação do mastro!  
Teu amor foi Dom Girino:  
triste sina...virou sapo!  
(...)

Se a carne tem tapuru,  
é só colocar de molho  
que eles bóiam um por um.  
Deixe de frescura, moço!

Nessa poesia popular, de ritmo cantante, há os muitos encantos que estão nas quadrinhas populares achegadas ao cordel e ao que Marta Cortezão guardou em sua memória e que no tempo presente divide com os seus leitores.

Quando cançava as águas,  
e me remava de rios,  
sacava-me o vento a saia  
na fértil relva de cios.  
(...)  
Teci inúmeras peneiras,  
dois tupés, um típiti

e uma atrevida maneira  
de trazer-te para mim.  
(...)  
No riso, todos os sóis  
que abrasam louca manhã,  
na pele ardente, lençóis;  
no beijo, febre terçã.

O livro *Amazonidades Poéticas* traz quadrinhas vindas de um universo telúrico, que não despreza também o sensualismo caboclo.

*Amazonidades poéticas* é um livro marcadamente telúrico. Ou melhor, fluviolírico. Pois se trata, antes de tudo, de uma poética dos rios e das águas (hidrolíricas). Águas, cujas forças impulsionam o belo e perene barco da poesia. Percorrer as cinco partes que compõem a obra, que se coadunam e se complementam, é percorrer, também, um itinerário singular da Amazônia. Não a Amazônia das metrópoles efervescentes, porém, a Amazônia dos ribeirinhos, indígenas e caboclos. Um traço importante da poesia de Marta é o viés sensual, que pode ser evidenciado, de modo geral, em todo o livro, expresso sobretudo em *Dos acesumes*. O rio assume uma personificação do amor: “rio de perene amor”, “o rio exala paixão”. Neste sentido, o rio torna-se um eloquente símbolo lúbrico, másculo: “braço de rio lascivo, morno, fogoso”. Aliás, que magnífica analogia, o do encontro das águas como a “cópula dos rios Negro e Solimões”. Assim, em toda a obra, nos deparamos com imagens que nos remetem à sensualidade: “sonhos em cio”, “masturbar-me de vícios”, “vaginar pensamentos”, “vulvas sedentas”, “falo afoito do vento”, “ritmo ereto”, “cabaço”, etc. É a quentura (os acesumes) da Amazônia “natural” transfigurada na própria sensualidade humana. (MELO, 2021, p.11 e 12)

A rica culinária amazônica, se instala e aparece nas trovas de Cortezão com sugestivo título de “comilanças”. Entretanto, outros elementos desse universo caboclo também aparecem em suas trovas.

Nos pés, a monstra peconha,  
no chão, um baita dum  
cacho,  
açáí roxo no tacho,  
vinho mais fome medonha.  
(...)  
Carne de anta no sol,  
beijus assando no forno.

Dia animado que só  
e o ajuri pegando fogo!  
(...)  
Na goela, monstra espinha,  
pacu cozido no prato,  
escarro e muita farinha:  
caboco fica vexado.

Opondo-se ao frenesi contemporâneo que chega às cidades, o mundo das amazonidades ribeirinhas (refletida nas trovas) traz a calma dos rios, das cidades pequenas marcadas por ‘leseiras’ e por ‘mormaços’, que imprimem à vida um ritmo próprio.

Das barrancas do meu Norte,  
trago todas as bonanças.  
Quando o peito aperta forte,  
abro o pote das lembranças.  
(...)

Sentado àquela varanda,  
beijava o rio que corria  
com seu olhar delirante  
alvorecendo magia.

O cotidiano do caboclo e o imaginário amazônico das lendas/mitos, parte desse mundo dos encantados, são temas para as trovas de Marta Cortezão.

Diacho, deixe de bestagem!  
Chega já de teimosura!  
Quem caçoa de visagem  
acaba vendo misura!  
(...)  
E foi de vento caído  
que o bruguelo amofinou

mas foi com reza benigna  
que a benzedeira o curou.  
(...)  
Vá caçar o que fazer!  
Desapareça, carniça!  
Cape o gato, pegue o beco,  
bicho podre de preguiça!

## DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar a obra de Marta Cortezão algumas questões voltam. Faz-se necessário, por exemplo, considerar que há um imaginário peculiar que é a essência e razão de ser de sua poética: “Homem e rio se fundem na geografia amazônica, vivendo numa comunhão mítica, uma amálgama de sentidos, em um lugar onde a água é o verdadeiro sangue da mãe terra” (CARVALHO, 2014, p.221). O artigo representa uma pequena viagem pela Literatura e pela Cultura da Amazônia. Objetiva contribuir para que não se tenha mais a ideia equivocada de que a Amazônia é terra homogênea. Aqui, há diferentes formas de vida, há uma pluralidade e diversidade que deve ser respeitada.

Marta Cortezão segue sendo essa Icamiaba, modelo das mulheres guerreiras que Betty Mindlin (1996) conheceu realmente nas regiões remotas do Amazonas e do Xingu, nas tribos dos

Macurap, Aruá, Ariká e Suruí: as mulheres sem maridos que preferiram a liberdade e a independência, mesmo à custa da renúncia de prazeres, mas que se revelaram como mulheres autônomas, lutaram contra um modelo patriarcal de comportamento e inauguraram a liberdade e a plenitude em suas vidas. (MINDLIN, 1996, p.313).

O mito das Icamiabas simboliza a representação da mulher que procura seu espaço na sociedade e que pensa que para conquistá-lo e mantê-lo não irá precisar de mais ninguém. As Icamiabas são mulheres modernas, que trabalham e a cada dia lutam para manter o seu espaço no mercado de trabalho e que muitas vezes cuida sozinha da família – sendo pai e mãe – representando um novo grupo familiar (SÁ & DUTRA, 2012, p. 4-5). Ao ler a obra de Marta Cortezão não há como não associar ao que o escritor paraense João de Jesus Paes Loureiro (1995, p. 68) enfatizou sobre a cultura amazônica: há um mundo povoado de seres, signos e fatos. É um mundo de pescadores, índios e pequenos agricultores, coletores de sementes, exploradores de madeira, apanhadores de açaí, que vivem em casas humildes e adotaram para si um viver contemplativo e devaneante, diante da grandiosidade dos cenários e do isolamento em que vivem. E há um grande número de escritores que são porta-vozes e intérpretes desse mundo de gente ‘quase sem voz’ e que vive nesse universo ao mesmo tempo real e mítico. Nas nossas plagas existe uma intensa e grandiosa produção literária e cultural que precisa ser descoberta. A obra de Marta Cortezão é um bom exemplo para isso.

## REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, V.M.S. **A Literatura Amazônica e a cultura regional, para além das salas de aula.** Bragança (PA): Pará.grafo, 2021.
- \_\_\_\_\_. **Aspectos da poética contemporânea brasileira. Estudos & Antologia.** Belém: UFPA/ILC/FALE/LABIC, 2020.
- \_\_\_\_\_. **Literatura Brasileira da Amazônia. Roteiros & Estudos.** Belém: UFPA/ILC/FALE/LABIC, 2020.
- CARDOSO, J. **Prefácio: A Literatura Amazônica e a cultura regional, para além das salas de aula,** de Alvarez. 2021.
- CARVALHO, N.C. **Caleidoscópio do imaginário ribeirinho amazônico.** Instrumento: Revista Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v.16, n.2, jul./dez, 2014.
- CORTEZÃO, M. **Banheiro Manso.** Gramado, RS: Porto de Lenha, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Amazonidades Poéticas. Cultura e Identidade.** Inéditos, 2021.
- MINDLIN, B. **As Amazonas ou Icamiabas.** Revista Índios. Temas e problemas. São Paulo: UFAL/ IAMÁ, set.1996, p. 301-313.



MIRANDA, V.C. **Glossário Paraense**. Belém EDUFPA, 1969.

OLIVEIRA, M. O. E. **Vocabulário terminológico cultural da Amazônia Paraense**. V.1. Belém: EDUFPA, 2001.

PEIXOTO, A. **Trovas brasileiras**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1919.

Sá, G.O.; DUTRA, M.G.E. **Mulheres na mitologia: uma análise de personagens míticos da cultura amazônica**. Revista Manoá. Manaus, Online, 2012.

PILIACKAS JR, A.M. **A trova e as suas relações com o chiste**. Porto Alegre: UFRGS/PPPD, fev. 2004, dissertação de mestrado.

Revista Falas Breves